

viva voz  
viva voz  
viva voz  
viva voz  
viva voz

POESIA BRASILEIRA  
ÉPOCA NEOCLÁSSICA  
antologia

M.G. - BIBLIOTECA UNIVER

viva voz  
viva voz  
viva voz

N.Cham B869.1 P745 2005

Título: Poesia brasileira, época neoclássica  
antologia.



147080610

Ac. 413724

LETRAS

B869.1

P745

2005

Coordenado Departamento  
de Letras Vernáculas

ver  
ver

lanto e  
não.)  
vernu  
veru.)  
de veri  
Do lat.

o lat. ver  
a Veron  
e Veron  
, veron  
. f. 1. R  
Roma,  
que,  
ta, de r  
o carre  
a sua  
..., de  
e ver  
(Euclid  
o rosto  
P. ext.  
s do et  
naz. Ci  
(mosa),  
; flores  
ma sã  
-oficin

.]  
vil. Adj.  
ilhanc  
ilhant  
ilidad  
nilimo.  
litud  
nil. (N  
: que

José Américo Miranda  
(Organizador)

B 869.

P 745

2005

**POESIA BRASILEIRA  
ÉPOCA NEOCLÁSSICA**  
antologia

**U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA**



147080610

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2005

413724

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

09 / 03 / 2006

1470326-19

SETO HORIZONTI

**Diretoria da Faculdade de Letras**  
**Prof.ª Eliana Amarante de Mendonça Mendes**

**Vice-Diretora**  
**Prof.ª Verônica Benn-Ibler**

**Projeto Gráfico da Capa**  
**Glória Campos**

**Preparação e revisão do texto**  
**José Américo Miranda**

**Acabamento**  
**Humberto Mendes**

**Endereço para correspondência:**  
**FALE/UFMG – Setor de Publicações**  
**Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025**  
**31270-901. Belo Horizonte/MG**  
**Fone / Fax: (31)3499-6007**  
**E-mail: relin@letras.ufmg.br**  
**publicacoesonline@hotmail.com**

## SUMÁRIO

Antônio Dinis da Cruz e Silva.....	5
Cláudio Manuel da Costa.....	11
Tomás Antônio Gonzaga.....	29
Manuel Inácio da Silva Alvarenga.....	40
Inácio José de Alvarenga Peixoto.....	44
Santa Rita Durão.....	46
Basílio da Gama.....	49
Alexandre de Gusmão.....	50
Francisco Vilela Barbosa.....	53
Frei Francisco de São Carlos.....	55
José da Natividade Saldanha.....	56
Joaquim José Lisboa.....	59

ANTÔNIO DINIS DA CRUZ E SILVA

**A TIJUCA – METAMORFOSE I**

**Ao Senhor Luís de Figueiredo**

Entre os soberbos montes, que formando  
Em seu ameno dilatado seio  
Do Rio a graciosíssima baía,  
Do mar, que em vagas muge, a fúria quebram,  
Numa densa floresta, que se eleva  
De alcantilada serra sobre o cume  
Às altas nuvens, tinha seu albergue  
Tijuca, do Brasil formosa ninfa.  
Desde a primeira idade desprezando  
De Minerva os estudos, suas artes,  
Suas delícias eram pelas selvas  
Seguir as montarazes brutas feras.  
De mil graças em vão, de mil encantos  
Seu gentil rosto, seu airoso talho  
Ornara liberal a Natureza:  
Em vão ante seus olhos, sacudindo  
As luminosas teias, em mil giros,  
Voa o casto Himeneu, Cupido voa,  
De extremosos amantes os suspiros  
A seus pés ofertando; que Tijuca  
Em seus feros prazeres embebida,  
Da caça à ambição tudo pospunha.  
Na estendida Comarca não existe,  
Nem em seus arredores agra serra,  
Ou fechada floresta, impenetrável  
De seus fragueiros pés a ligeireza:  
Os ares não cruzava veloz ave,  
Ou o mato intrincado brava fera  
Segura de seu arco aos prontos tiros,  
Por mais que a Natureza em vão a armasse  
De agudas presas, de ligeiras penas:  
De seu valor e sua formosura

Em breve pelos circunstantes bosques  
A fama se espalhou, e não havia  
Algum habitador daqueles matos,  
Que os despojos render-lhe não viesse,  
Como a Deidade tutelar das selvas,  
Das mortas aves, das rendidas feras.  
Diana em tanto, que invejosa olhava  
Suas aras sem culto, sem ofrendas,  
Contra Tijuca de cruenta sanha  
Vingativa se armou. Ah como cabem  
Nos ânimos celestes tantas iras!  
Um dia pois que a Ninfa trabalhada  
De render a seus pés aves e feras,  
Dum cristalino córrego nas margens  
Ao som de suas águas adormece;  
A um fauno hirsuto manda, que lhe furte,  
Enquanto ela dormia, setas e arco  
Dum ramo onde pendentes as deixara.  
Então vendo-a sem armas, do mais denso  
Da intrincada floresta prontamente  
Contra a inocente, descuidada Ninfa  
Um faminto, açodado Tigre envia;  
Que sobre a preia fita a acesa vista,  
A devorá-la corre, e com a fúria  
Estalar faz os troncos, qu' encontrava.  
Ao ruído assustada acorda a Ninfa;  
E ao ver a voraz fera, a mão estende  
Ao ramo onde seu arco pendurara.  
Mas qual seu pasmo foi, quando o não acha!  
Outro meio então vendo lhe não resta  
Para a vida salvar, mais do que a fuga,  
De seus pés encomenda à ligeireza.  
Corria tão veloz que o leve vento  
Mal pudera igualar sua carreira.  
Já grande espaço a famulenta fera  
Deixava atrás de si, e já se cria  
Livre de seu furor, quando na borda  
D'improviso se vê duma alta rocha,

Que num vale profundo se despenha,  
Toda talhada a pique. Nesse instante  
Quem poderá dizer qual de Tijuca  
Foi a grande aflição, foi o desmaio!  
Duma parte vibrando as curvas garras  
Já quase sobre si o Tigre via;  
Ante seus olhos da outra contemplava  
Num cego abismo aberta a sepultura:  
Não há a quem se acorra mais que aos Deuses,  
E aos Deuses se volvia: fita a vista  
No Céu, aos Céus as palmas estendendo,  
Entre tristes soluços assim clama:  
Se a vós, imortais Numes, algum dia  
Chegou de minhas vítimas o cheiro,  
Apiedai-vos de mim, Numes, valei-me.  
Disse, e subitamente de seus olhos  
Em borbotões rebentam duas fontes:  
Pelo nevado colo gotejando  
Os seus soltos cabelos se convertem  
De cristalino humor em longos fios:  
Dos estendidos torcados dedos  
Ao mesmo tempo aos livres ares pulam,  
Borrifando de em torno as verdes plantas,  
Outros tantos esguichos de água clara:  
E em dois ferventes jorros pouco a pouco  
Resvalando lhe vão os pés formosos.  
Enfim, qual d'alta serra a branca neve  
Com os raios do Sol cai derretida,  
Despenhando se vai pela agra serra  
Toda em água Tijuca transmudada;  
Que junta lá no vale, o Rio forma,  
Que da Ninfa inda tem o antigo nome;  
E girando qual serpe tortuosa  
Por entre o denso mato, está mostrando  
O grande amor, que viva às selvas tinha.

Esta, meu caro Lísio, é da Tijuca  
A famosa Cascata. Se tu queres,  
Enquanto em paz de Nêmesis descansa  
A balança fiel, ali podemos  
Das Musas na suave companhia  
Alguns dias passar em útil ócio.

**Soneto XXIII – 1**

Por um monte coberto de verdura,  
Que se vai no Mondego despenhando,  
Vinha o saudoso Elpino descartando  
De sua amada Ninfa a formosura.

Soava a doce voz pela espessura,  
Os mais duros rochedos abalando;  
E por ouvi-la as águas enfreado,  
Não corre o rio, a fonte não murmura.

Cansado de lidar com a fantasia,  
No ramo de um carvalho pendurava  
A fruta, com que o vento adormecia:

E na terra, que em lágrimas banhava,  
Com a ponta do cajado *Aônia* abria;  
E suspirando imóvel se ficava.

**Soneto VI – 2**

Amenos bosques cheios de verdura,  
Claras, e mansas águas do Mondego,  
Que o Mar buscais correndo com sossego  
Por entre a fresca sombra da espessura;

Saudoso monte, em cuja penha dura  
Tantos troféus se imprimem de Amor cego,  
Que já deste a meus versos doce emprego,  
Enquanto vivi livre e com ventura:



Eu me aparto de vós; porque o meu Fado,  
Unido com Amor, me não consente,  
Que logre vosso influxo sossegado:

Ficai em paz, que eu inda que a corrente  
Do turvo Letes passe, o doce estado  
Na lembrança terei sempre presente.

**Soneto XV – 2**

Sobre uma rocha, que à corrente fria  
Do claro Tejo fica sobranceira,  
Uma barca, que o Rio abre ligeira,  
Treséia com os gêntis olhos seguia:

E enquanto o leve pinho prosseguia  
Cada vez mais veloz sua carreira,  
Arrancando do peito a voz inteira,  
Entre soluços mil assim dizia:

“Onde, oh barco cruel, onde correndo  
O meu Elpino levas? ah! dizc, onde?  
Ventos, por piedade ide-o detendo:”

No horizonte entretanto ele se esconde;  
E às queixas, que sem fim fica fazendo,  
Eco só dentre as penhas lhe responde.

**Soneto LXII – 2**

Numa rocha, que o mar Siciliano  
Com suas ondas de contínuo cava,  
O fero Polifemo assim cantava,  
E a rouca voz atroa o golfo insano:

“Galatéia mais cruel que tigre Hircano  
Mais surda que áspid, e que o mar mais brava,  
Pois foges de um Pastor que te adorava,  
Baco me livrará de Amor tirano.”

Isto dizendo, de um pipote pega  
De vinho moscatel, e assim exclama:  
“Doce sumo, o melhor de minha adega!

Amor afoga, que meu peito inflama!”  
Então o grosso vaso à boca chega,  
E nas entranhas seu licor derrama.

**CLÁUDIO MANUEL DA COSTA**

**Soneto I**

Para cantar de Amor tenros cuidados,  
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento;  
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;  
Se é, que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados  
Do Trácio Orfeu parava o mesmo vento;  
Da lira de Anfião ao doce acento  
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros Gênios o destino,  
Para cingir de Apolo a verde rama,  
Lhes influiu na lira estro divino;

O canto, pois, que a minha voz derrama,  
Porque ao menos o entoa um Peregrino,  
Se faz digno entre vós também de fama.

**Soneto II**

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Porque vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o Planeta louro,  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

**Soneto III**

Pastores, que levais ao monte o gado,  
Vede lá como andais por essa serra;  
Que para dar contágio a toda a terra,  
Basta ver-se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vedes) tão pesado;  
E a Pastora infiel, que me faz guerra,  
É a mesma, que em seu semblante encerra  
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,  
Vereis a formosura, que eu adoro;  
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;  
Que se seguir quiseredes, o que eu sigo,  
Chorarei, ó Pastores, o que eu choro.

**Soneto IV**

Sou pastor; não te nego; os meus montados  
São esses, que aí vês; vivo contente  
Ao trazer entre a relva florescente  
A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados,  
Em que se transformou a antiga gente;  
Qualquer deles o seu estrago sente;  
Como eu sinto também os meus cuidados.

Vós, ó troncos, (lhes digo) que algum dia  
Firmes vos contemplastes, e seguros  
Nos braços de uma bela companhia;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros;  
Que eu alegre algum tempo assim me via;  
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

**Soneto V**

Se sou pobre Pastor, se não governo  
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;  
Se em frio, calma, e chuvas inclementes  
Passo o verão, outono, estio, inverno;

Nem por isso trocara o abrigo terno  
Desta choça, em que vivo, coas enchentes  
Dessa grande fortuna: assaz presentes  
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,  
Ouvir dos lastimosos o gemido,  
Passar aflito o dia, o mês, e o ano;

Seja embora prazer; que a meu ouvido  
Soa melhor a voz do desengano,  
Que da torpe lisonja o infame ruído.

**Soneto VIII**

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmos arvoredos;  
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos, e penedos;  
Que de amor nos suavísimos enredos  
Foi cena alegre, e urna é já funcsta.

Oh quão lembrado estou de haver subido  
Aquele monte, e as vezes, que baixando  
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando;  
Que da mesma saudade o infame ruído  
Vem as mortas espécies despertando.

**Soneto XIV**

Quem deixa o trato pastoril amado  
Pela ingrata, civil correspondência,  
Ou desconhece o rosto da violência,  
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos trasladado  
No gênio do Pastor, o da inocência!  
E que mal é no trato, e na aparência  
Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira Amor sinceridade;  
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;  
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna que soçobre;  
Aqui quanto se observa, é variedade:  
Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

**Soneto XVIII**

Aquela cinta azul, que o Céu estende  
À nossa mão esquerda, aquele grito,  
Com que está toda a noite o corvo aflito  
Dizendo um não sei quê, que não se entende;

Levantar-me de um sonho, quando atende  
O meu ouvido um mísero conflito,  
A tempo, que o voraz lobo maldito  
A minha ovelha mais mimosa ofende;

Encontrar a dormir tão preguiçoso  
Melampo, o meu fiel, que na manada  
Sempre desperto está, sempre ansioso;

Ah! queira Deus, que minta a sorte irada:  
Mas de tão triste agouro cuidadoso  
Só me lembro de Nise, e de mais nada.

**Soneto XXVI**

Não vês, Nise, este vento desabrido,  
Que arranca os duros troncos? Não vês esta,  
Que vem cobrindo o Céu, sombra funesta,  
Entre o horror de um relâmpago incendiado?

Não vês a cada instante o ar partido  
Dessas linhas de fogo? Tudo cresta,  
Tudo consome, tudo arrasa, e infesta,  
O raio a cada instante despedido.

Ah! não temas o estrago, que ameaça  
A tormenta fatal; que o Céu destina  
Vejas mais feia, mais cruel desgraça:

Rasga o meu peito, já que és tão ferina;  
Verás a tempestade, que em mim passa;  
Conhecerás então, o que é ruína.

**Soneto XXVIII**

Faz a imaginação de um bem amado,  
Que nele se transforme o peito amante;  
Daqui vem, que a minha alma delirante  
Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado  
Anarda cuida ver, bem que distante;  
Mas ao passo, que a busco, neste instante  
Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu nela vivo,  
E por força da idéia me converto  
Na bela causa de meu fogo ativo;

Como nas tristes lágrimas que verto,  
Ao querer contrastar seu gênio esquivo,  
Tão longe dela estou, e estou tão perto.

**Soneto XXIX**

Ai Nise amada! se este meu tormento,  
Se estes meus sentidíssimos gemidos  
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos  
Achar pudessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como atento  
Meus votos tributara agradecidos!  
Por séculos de males bem sofridos  
Trocara todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastável pedra dura  
De teu rigor não há correspondência,  
Para os doces afetos de ternura;

Cesse de meus suspiros a veemência;  
Que é fazer mais soberba a formosura  
Adorar o rigor da resistência.

**Soneto XLVII**

Que inflexível se mostra, que constante  
Se vê este penhasco! já ferido  
Do proceloso vento, e já batido  
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais semelhante  
Retrato dessa ingrata, a que o gemido  
Jamais pode fazer, que enternecido  
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nise: a rebeldia,  
Que vês nesse penhasco, essa dureza  
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!  
Dos contínuos excessos da porfia,  
Recobras novo estímulo à fereza.



**Soneto LIX**

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,  
Na muda solidão deste arvoredado,  
Comuniquei convosco o meu segredo,  
E apenas brando o Zéfiro me ouvia.

Com lágrimas meu peito enternecia  
A dureza fatal deste rochedo,  
E sobre ele uma tarde triste, e quedo  
A causa de meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver, se a pedra dura  
Conserva ainda intacta essa memória,  
Que debuxou então minha escultura.

Que vejo! esta é a cifra: triste glória!  
Para ser mais cruel a desventura,  
Se fará imortal a minha história.

**Soneto LXII**

Torno a ver-vos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes oiteiros;  
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros  
Pelo traje da Corte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os miseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;  
E o que té agora se tornava em pranto,  
Se converta em afetos de alegria.

**Soneto LXIII**

Já me enfado de ouvir este alarido,  
Com que se engana o mundo em seu cuidado;  
Quero ver entre as peles, e o cajado,  
Se melhora a fortuna de partido.

Canse embora a lisonja ao que ferido  
Da enganosa esperança anda magoado;  
Que eu tenho de acorlher-me sempre ao lado  
Do velho desengano apercebido.

Aquele adore as roupas de alto preço,  
Um siga a ostentação, outro a vaidade;  
Todos se enganam com igual excesso.

Eu não chamo a isto já felicidade:  
Ao campo me recolho, e reconheço,  
Que não há maior bem, que a soledade.

**Soneto LXXVI**

Enfim te hei de deixar, doce corrente  
Do claro, do suavíssimo Mondego;  
Hei de deixar-te enfim; e um novo pego  
Formará de meu pranto a cópia ardente.

De ti me apartarei; mas bem que ausente,  
Desta lira serás eterno emprego;  
E quanto influxo hoje a dever-te chego,  
Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estância  
Das tuas margens úmidas ouvia,  
Eu terei sempre n'alma a consonância;

Desde o prazo funesto deste dia  
Serão fiscais eternos da minha ânsia  
As memórias da tua companhia.

**Soneto LXXXIII**

Polir na guerra o bárbaro Gentio,  
Que as leis quase ignorou da natureza,  
Romper de altos penhascos a rudeza,  
Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a glória, o esforço, o brio  
Do russo Herói, esta a grandeza,  
Que igualou de Alexandre a fortaleza,  
Que venceu as desgraças de Dario:

Mas se a lei do heroísmo se procura,  
Se da virtude o espírito se atende,  
Outra idéia, outra máxima o segura:

Lá vive, onde no ferro não se acende;  
Vive na paz dos povos, na brandura:  
Vós a ensinais, ó Rei; em vós se aprende.

**Soneto XCVIII**

Destes penhascos fez a natureza  
O berço, em que nasci: oh quem cuidara,  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os Tigres, por empresa  
Tomou logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara,  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que dava ocasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se apura.

**Soneto XCIX**

Parece, ou eu me engano, que esta fonte  
De repente o licor deixou turvado;  
O Céu, que estava limpo, e azulado,  
Se vai escurecendo no Horizonte:

Porque não haja horror, que não aponte  
O agouro funestíssimo, e pesado,  
Até de susto já não pasta o gado;  
Nem uma voz se escuta em todo o monte.

Um raio de improviso na celeste  
Região rebentou: um branco lírio  
Da cor das violetas se reveste;

Será delírio! não, não é delírio.  
Que é isto, Pastor meu? que anúncio é este?  
Morreu Nise (ai de mim!) tudo é martírio.

**Soneto C**

Musas, canoras Musas, este canto  
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento  
Erguestes brandamente àquele assento  
Que tanto, ó Musas, prezo, adoro tanto.

Lágrimas tristes são, mágoas, e pranto,  
Tudo o que entoa o músico instrumento;  
Mas se o favor me dais, ao mundo atento  
Em assunto maior farei espanto.

Se em campos não pisados algum dia  
Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro,  
Efeitos são da vossa melodia;

Que muito, ó Musas, pois, que em fausto agouro  
Cresçam do pátrio rio à margem fria  
A imarcessível hera, o verde louro!

ARÚNCIO - ÉCLOGA V

*Frondoso e Alcino*

*Fron.* Em vão te estás cansando o dia inteiro,  
Alcino, em perguntar, que significa  
Este, que vês cortar, triste letreiro:

Ele não é de balde: aqui se explica  
Tudo, quanto há de grande, novo, e raro,  
Na pobre aldeia, e na cidade rica.

Nada pode escapar do golpe avaro...  
(Diz esta cifra breve): agora entende;  
Que deste dito o assunto eu não declaro.

*Alc.* Se o meu juízo o caso compreende,  
Essa letra, que entalhas, e que admiro,  
Com a morte de Arúncio fala, ou prende.

*Fron.* Ah! Que arrancas um mísero suspiro  
Do centro de minha alma; o nome amado  
Me faz deixar a vida, que respiro.

*Alc.* Eu bem via, que estava o teu cuidado,  
Frondoso meu, lembrando a triste morte  
Desse caro Pastor, tão estimado.

*Fron.* E quando esperas tu, que o fatal corte,  
Que de mim separou tão doce Amigo,  
Possas romper de amor o laço forte!

Primeiro se verá nascer o trigo  
No Céu; dará primeiro a terra estrelas,  
Que tenha esta lembrança algum perigo.

*Alc.* Triste e funesto caso! As Ninfas belas  
Do pátrio Ribeirão tanto choraram,  
Que inda alívio não há, nem gosto entre elas.

Os gados largos dias não pastaram;  
E mugindo à maneira de sentidos,  
A pele sobre os ossos encostaram.

Os Mochos pelas faias estendidos  
Enchendo a terra, e Céu de mil agouros,  
Espalharam tristíssimos grasnidos.

Os campos, que té ali se viam louros  
Com o matiz vistoso das searas,  
Perderam de repente seus tesouros:

*Fron.* Esses sinais, Alcino, se reparas,  
Dizem cousa maior, que sentimentos  
Consagrados da morte sobre as aras.

Quando há mostras no Céu, quando há portentos  
Na terra, algum segredo há, não sei onde,  
Que não é para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde  
A grandeza do golpe: mas alcanço,  
Que a tanta perda a dor não corresponde.

De te buscar exemplos me não canso;  
Só te lembro porém, que o tronco duro  
Faz mais estrago do que o arbusto manso.

*Alc.* O que queres dizer, eu conjecturo:  
No vime, e no carvalho há igual ruína:  
Igual a conseqüência eu não seguro.

Aquele cai sem dano, este destina  
Fatal estrago a tudo, o que está posto  
Debaixo dele. É isto? Ora imagina.

*Fron.* Jove aparte de nós tanto desgosto:  
Baste, para avivar nossa saudade,  
O ser cortado em flor aquele rosto.

Contente-sc da morte a crueldade  
Em nos levar com passo tão ligeiro  
Uma tão bela, tão mimosa idade.

Roubou-nos um Pastor, que era o primeiro  
Entre os nossos do monte; ele nos dava  
As justas leis no campo, e no terreiro.

Ele as dúvidas nossas concertava;  
E sendo Maioral, por arte nova,  
Com respeito o agrado temperava.

De mil virtudes suas nos deu prova;  
Sempre a bem dirigindo os nossos passos.  
Oh quanto esta lembrança a dor renova!

*Alc.* Ai! E com quanta mágoa nos teus braços  
Eu vi, Frondoso meu, que Arúncio esteve  
Desatando da vida os doces laços!

*Fron.* Meu pensamento, Amigo, não se atreve  
A lembrar-se (ai de mim!) da mortal hora.  
Em que via acabar vida tão breve.

Quem fora duro seixo, ou bronze fora,  
Para animar agora na lembrança  
Àquela imagem, com que esta alma chora!

Eu vi, Alcino, eu vi, que na mudança,  
Que do caduco a Eterno bem fazia,  
A alma tinha cheia de esperança.

Tudo, o que era mortal, aborrecia:  
A cópia dos seus gados, o cajado,  
(Bem que era de ouro fino) em nada havia.

Em vão o molestava o doce estado  
Da honra, e da grandeza: a Jove entregue  
O espírito seguia outro cuidado.

Mas ai, Alcino! A voz já não prossegue;  
Que tudo, o que a memória vem trazendo,  
Receio, Amigo, que a matar-me chegue.

*Alc.* As Ninfas do Mondego estou já vendo  
Descerem para nós com triste pranto.  
Ou eu me engano, ou elas vêm dizendo:

Se do lírio, da murta, e do amaranto  
Cercada deve ser a sepultura  
De Arúncio, a nós nos toca officio tanto.

Nós o criamos, com feliz ternura,  
Dando-lhe o mel, e o leite: a nós nos toca  
Mandar o corpo belo à terra dura.



*Fron.* De outro lado igualmente se provoca  
O Tejo (onde ele viu a luz primeira):  
E as Ninfas do centro úmido convoca.

A mim só se me deve a glória inteira  
(Fala o soberbo Tejo) eu o demando:  
Minha há de ser esta honra derradeira.

Aqui lhe estou uma urna preparando,  
Coberta de um cipreste; onde a memória  
Seu nome viverá sempre guardando.

Por mais que voe a idade transitória,  
Nunca se há de apagar aquele afeto,  
Que de Arúncio consagro à triste história.

Durarás entre nós, Pastor discreto,  
Renovando a lembrança de Corino,  
Que da nossa saudade é inda objeto:

Ele te deu o ser; tu peregrino  
Retrato de seus dotes, consolavas  
Nosso desejo, tão constante, e fino.

Aquele caro Irmão, que tanto amavas,  
Aônio, digo, aquele, a quem devias  
Toda a felicidade, que gozavas,

Hoje lamenta teus saudosos dias;  
Hoje chora comigo: eu lhe desejo  
Alívio a tão cansadas agonias.

*Alc.* Oh! Contente-se embora o claro Tejo  
De haver ao mundo dado, quem lhe ganha  
Fama, e nome a seu Reino assaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha  
Ventura de educá-lo, deu ao mundo,  
Quem lhe soube adquirir glória tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo,  
Quer, que guarde seu corpo a turva areia  
De outro Rio, mais triste, e mais profundo.

Do Riô, que seu curso não refreia  
Até chegar, onde entra a grande costa,  
Que banha do Brasil salgada veia.

Rio das Velhas se chama (se reposta  
Buscamos nos antigos, a pintura  
Das Dórcades na história se vê posta).

Os primeiros, que entraram na espessura  
Dos ásperos sertões, dizem, que acharam  
Três bárbaras, já velhas, nesta altura.

*Fron.* Das três Parcas melhor eles tomaram  
O nome desse Rio; se é verdade,  
Que elas a vida humana governaram.

Triste sejas, ó Rio: a Divindade  
De Apolo, que em ti cria o amável ouro,  
Se aparte do teu seio em toda a idade.

Não sejas da ambição rico tesouro:  
Girar se vejam sobre as praias tuas  
Os brancos cisnes não, aves d'agouro.

Do inverno as enxurradas levem cruas  
As sementeiras, que teus campos criam:  
Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes, que se fiam  
Dessas funestas águas, desde agora  
Conheçam a traição, que não temiam.

*Alc.* E contra quem, Frondoso, inda em tal hora  
Se armam às pragas tuas! Um delírio  
Só para extremo tal desculpa fora.

Se Jove é quem nos manda este martírio,  
Soframos o seu golpe: ao Pastor belo  
Derramemos em cima o goivo, o lírio.

O nosso Ribeirão traz o modelo  
Do enterro, que dispõe: nós entretanto  
Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em um cândido manto,  
Que distingue de Deus o brasão nobre,  
Aqui se oferece para o nosso pranto,

Enquanto pois o corpo a terra cobre,  
Seguindo o teu princípio, deixa, Amigo,  
Que um voto lhe consagre um Pastor pobre,  
Um voto, que se escreva em seu jazigo:

### Soneto

Nada pode escapar do golpe avaro,  
Alcino meu: que a Parca endurecida  
Corta igualmente os fios de uma vida  
Ao pastor pobre, ao cortesão preclaro.

Cresça embora esse tronco altivo, e raro,  
Ostentação fazendo mais luzida;  
Viva embora entre humilde, entre abatida,  
Essa planta, a que o nome em vão declaro.

*Cláudio Manuel da Costa*

Tudo há de achar o fim: bem que a vaidade  
Em uma, e outra glória faça estudo,  
Nada escapa à fatal voracidade.

Eu, que chego a pensá-lo, fico mudo;  
E só tiro por certa esta verdade:  
Que, se Arúncio acabou, acaba tudo.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

LIRA 65 (III – SEGUNDA PARTE)

\*Sucedede, Marília bela,  
à medonha noite o dia;  
a estação chuvosa e fria  
à quente, seca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;  
só a minha sorte não?

Os troncos, nas primaveras,  
brotam em flores, viçosos;  
nos invernos escabrosos  
largam as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;  
só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam  
armadas redes os passos;  
rompem depois os seus laços,  
fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;  
só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva  
alegre sempre o seu rosto;  
depois das penas vem gosto,  
depois do gosto aflição.

Muda-se a sorte dos homens;  
só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram  
soberbos gigantes guerra;  
no mais tempo o Céu e a Terra  
lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deuses;  
só a minha sorte não?

\*Há-de, Marília, mudar-se  
do destino a inclemência;  
tenho por mim a inocência,  
tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo;  
só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta  
os troncos, pedras e o cobre,  
o véu rompe, com que encobre  
à verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;  
só a minha sorte não?

\*Qual eu sou, verá o mundo;  
mais me dará do que eu tinha,  
tornarei a ver-te minha:  
que feliz consolação!

Não há-de tudo mudar-se,  
só a minha sorte não?

### LIRA 68 (VI – SEGUNDA PARTE)

\*De que te queixas,  
língua importuna?  
De que a fortuna  
roubar-te queira  
o que te deu?

Este foi sempre  
o gênio seu.

Levou, Marília,  
a ímpia sorte  
Catões à morte;  
nem sepultura  
lhes concedeu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

A outros muitos,  
que vis nasceram,  
nem mereceram,  
a grandes tronos  
a ímpia ergueu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

\*Espalha a cega  
sobre os humanos  
os bens e os danos,  
e a quem se devam  
nunca escolheu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

A quanto é justo  
jamais se dobra;  
nem igual obra  
cos mesmos deuses  
do caro céu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

Sobe ao céu Vênus  
num carro ufano;  
e cai Vulcano  
da pura esfera,  
em que nasceu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

\*Mas não me rouba,  
bem que se mude,  
honra e virtude:  
que o mais é dela,  
mas isto é meu.

Este foi sempre  
o gênio seu.

LIRA 24 (V – PRIMEIRA PARTE)

Acaso são estes  
os sítios formosos,  
aonde passava  
os anos gostosos?  
São estes os prados,  
aonde brincava,  
enquanto pastava  
o manso rebanho,  
que Alceu me deixou?

São estes os sítios?

São estes; mas eu  
o mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera, que eu vou.

Daquele penhasco  
um rio caía;  
ao som do sussuro  
que vezes dormia!  
Agora não cobrem  
espumas nevadas  
as pedras quebradas:  
parece que o rio  
o curso voltou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu  
o mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,  
aqui repetia;  
o eco as palavras  
três vezes dizia.  
Se chamo por ele,  
já não me responde;



parece se esconde,  
cansado de dar-me  
os ais que lhe dou.

São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
o mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Aqui um regato  
corria, sereno,  
por margens cobertas  
de flores e feno;  
à esquerda se erguia  
um bosque fechado,  
e o tempo apressado,  
que nada respeita,  
já tudo mudou.

São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
o mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?  
Acaso podia  
já tudo mudar-se  
no espaço de um dia?  
Existem as fontes  
e os freixos copados;  
dão flores os prados,  
e corre a cascata,  
que nunca secou.

São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
o mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha  
liberta a vontade,  
agora já sente  
amor e saudade.  
Os sítios formosos,  
que já me agradaram,  
ah! não se mudaram;  
mudaram-me os olhos,  
de triste que estou.

São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
o mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

LIRA 38 (XVIII – PRIMEIRA PARTE)

Não vês aquele velho respeitável,  
que, à muleta encostado,  
apenas mal se move e mal se arrasta?  
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,  
o tempo arrebatado,  
que o mesmo bronze gasta!

Enrugaram-se as faces e perderam  
seus olhos a viveza;  
voltou-se o seu cabelo em branca neve;  
já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,  
nem tem uma beleza  
das belezas que teve.

Assim também serci, minha Marília,  
daqui a poucos anos,  
que o ímpio tempo para todos corre:  
os dentes cairão e os meus cabelos.  
Ah! sentirei os danos,  
que só evita quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice  
muito menos penosa.  
Não trarei a muleta carregada,  
descansarei o já vergado corpo  
na tua mão piedosa,  
na tua mão nevada.

As frias tarde, em que negra nuvem  
os chuveiros não lance,  
irei contigo ao prado florescente:  
aqui me buscarás um sítio ameno,  
onde os membros descanse,  
e ao brando sol me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo  
os olhos por aquela  
vistosa parte, que ficar fronteira,  
apontando direi: – Ali falamos,  
ali, ó minha bela,  
te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,  
nascidas da alegria;  
farão teus olhos ternos outro tanto;  
então darei, Marília, frios beijos  
na mão formosa e pia,  
que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente  
meu corpo suportando  
do tempo desumano a dura guerra.  
Contente morrerei, por ser Marília  
quem, sentida, chorando  
meus baços olhos cerra.

LIRA 34 (XIV – PRIMEIRA PARTE)

Minha bela Marília, tudo passa;  
a sorte deste mundo é mal segura;  
se vem depois dos males a ventura,  
vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos deuses  
sujeitos ao poder do ímpio fado:  
Apolo já fugiu do céu brilhante,  
já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte  
acaba de roubar o bem que temos;  
até na triste campa não podemos  
zombar do braço da inconstante sorte:  
qual fica no sepulcro,  
que seus avós ergueram, descansado;  
qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
ferro do torno arado.

Ah! enquanto os destinos impiedosos  
não voltam contra nós a face irada,  
 façamos, sim, façamos, doce amada,  
os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração que, frouxo,  
a grata posse de seu bem difere  
a si, Marília, a si próprio rouba,  
e a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,  
e façamos de feno um brando leito;  
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,  
gozemos do prazer de são amoros.

Sobre as nossas cabeças,  
sem que o possam deter, o tempo corre;  
e para nós o tempo que passa  
também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,  
e se entorpece o corpo já cansado:  
triste, o velho cordeiro está deitado,  
e o leve filho, sempre alegre, salta.

A mesma formosura  
é dote que só goza a mocidade:  
rugam-se as faces, o cabelo alveja,  
mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?  
que vão passando os florescentes dias?  
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,  
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.

Ah! não, minha Marília,  
aproveite-se o tempo, antes que faça  
o estrago de roubar ao corpo as forças,  
e ao semblante a graça.

#### LIRA 42 (XXIII – PRIMEIRA PARTE)

Num sítio ameno,  
cheio de rosas,  
de brancos lírios,  
murtas viçosas,

Dos seus amores  
na companhia,  
Dirceu passava  
alegre o dia.

Em tom de graça  
ao terno amante  
manda Marília  
que toque e cante.

Pega na lira,  
sem que a tempere,  
a voz levanta,  
e as cordas fere.

Cos doces pontos  
a mão atina,  
e a voz iguala  
à voz divina.

Ela, que teve  
de rir-se a idéia,  
nem move os olhos,  
de assombro cheia.

Então Cupido  
aparecendo,  
à bela fala,  
assim dizendo:

– Do teu amado  
a lira fias,  
só por que dele  
zombando rias?

Quando num peito  
assento faço,  
do peito subo  
à língua e braço.

Nem creias que outro  
estilo tome,  
sendo eu o mestre,  
a ação teu nome.

**LIRA 46 (XXVIII – PRIMEIRA PARTE)**

Cupido, tirando  
dos ombros a aljava,  
num campo de flores  
contente brincava.

E o corpo tenrinho  
depois, enfadado,  
incauto reclina  
na relva do Prado.

Marília formosa,  
que ao deus conhecia,  
oculta, espreitava  
quanto ele fazia.

Mal julga que dorme,  
se chega, contente,  
as armas lhe furta,  
e o deus a não sente.

Os Faunos, mal viram  
as armas roubadas,  
saíram das grutas  
soltando risadas.

Acorda Cupido,  
e a causa sabendo,  
a quantos o insultam  
responde, dizendo:

– Temíeis as setas  
nas minhas mãos cruas?  
Vereis o que podem  
agora nas suas.

MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA

OS SUSPIROS (RONDÓ XLV)

Se algum dia, Glaura bela,  
Visitar estes retiros;  
Ouça os míseros suspiros,  
Que infeliz entrego ao ar.

Seja este áspero rochedo  
Quem repita as minhas mágoas;  
E o ruído destas águas  
Quero lhe pinte o meu pesar.

*Ah! conserva, Amor, que ouviste  
O meu triste suspirar.*

Guarda amante e compassiva  
Flébil Eco, que me escutas,  
Na aspereza destas grutas  
Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde  
Que decline a calma espera,  
Qual a Deusa de Citera,  
Quando sai do fundo mar.

*Ah! conserva, Amor, que ouviste  
O meu triste suspirar.*



**O PRAZER (RONDÓ XXIV)**

*Sobre o feno recostado,  
Descansado afino a lira,  
Que respira com ternura  
Na doçura do prazer.*

Amor a simples Natureza:  
Busquem outros a vaidade  
Nos tumultos da cidade,  
Na riqueza e no poder.

Desse pélagos furioso  
Não me assustam os perigos,  
Nem dos ventos inimigos  
O raivoso combater.

*Sobre o feno recostado,  
Descansado afino a lira,  
Que respira com ternura  
Na doçura do prazer.*

Pouca terra cultivada  
Me agradece com seus frutos;  
Mas os olhos tenho enxutos,  
Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseja  
Doce paz neste retiro;  
Por delícias não suspiro,  
Onde a inveja faz tremer.

*Sobre o feno recostado,  
Descansado afino a lira,  
Que respira com ternura  
Na doçura do prazer.*

Pelas sombras venturosas  
De fecundos arvoredos  
Ouve Glaura os meus segredos,  
Quando rosas vai colher.

Já o Amor com ferro duro  
Não me assalta, nem me ofende:  
Já suave o fogo acende,  
E mais puro o sinto arder.

*Sobre o feno recostado,  
Descansado afino a lira,  
Que respira com ternura  
Na doçura do prazer.*

Entre as graças e os Amores  
Canto o Sol e a Primavera,  
Que risonha vem da Esfera  
Tudo em flores converter.

A inocência me acompanha;  
Oh que bem! oh que tesoiro!  
Vejo alegre os dias de oiro  
Na montanha renascer.

*Sobre o feno recostado,  
Descansado afino a lira,  
Que respira com ternura  
Na doçura do prazer.*

**MADRIGAL II**

Ninfas e belas Graças,  
O Amor se oculta e não sabeis aonde:  
As vossas ameaças  
Ele ouve, espreita, ri-se e não responde.  
Mas, ah! cruel! e agora me traspassas?  
Ninfas e belas Graças,  
O Amor se oculta; eu já vos mostro aonde;  
Neste peito, (ai de mim!) o Amor se esconde!

**MADRIGAL VIII**

Adeus, ó doce lira;  
Ficarás neste ramo pendurada.  
Ao vento, que suspira,  
Responda a tua voz triste e cansada.  
Já foste dedicada  
Ao puro Amor, às Graças melindrosas:  
Elas gemem saudosas,  
E o mísero Pastor chorando expira  
Adeus, ó doce lira,  
Fiel e desgraçada;  
Ficarás neste ramo pendurada.

**MADRIGAL LVI**

Mortal saudade, é esta a sepultura;  
Já Glaura não existe;  
Ah! como vejo triste em sombra escura  
O campo, que alegravam os seus olhos!  
Duros espinhos, ásperos abrolhos  
Vejo em lugar das flores:  
Chorai, ternos Amores,  
Chorai comigo a infausta desventura:  
É esta a sepultura:  
Meu coração à mágoa não resiste:  
Glaura bela (ai de mim!) já não existe!

INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PELXOTO

(Informação acrescentada por Joaquim Norberto de Sousa Silva: A D. Bárbara Heliadora sua esposa remetida do cárcere das Ilha das Cobras.)

Bárbara bela,  
do Norte estrela,  
que o meu destino  
sabes guiar,  
de ti ausente  
triste, somente  
as horas passo  
a suspirar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.

Por entre as penhas  
de incultas brenhas  
cansa-me a vista  
de te buscar;  
porém não vejo  
mais que o desejo,  
sem esperança  
de te encontrar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.

Eu bem queria  
a noite e o dia  
sempre contigo  
poder passar,  
mas orgulhosa  
sorte invejosa,  
desta fortuna  
me quer privar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.

Tu, entre os braços,  
ternos abraços  
da filha amada  
podes gozar.  
Priva-me a estrela  
de ti e dela,  
busca dois modos  
de me matar!

Isto é castigo,  
que Amor me dá.

SANTA RITA DURÃO

CARAMURU

CANTO VI (*fragmento*)

*Depois de socorrer a tripulação duma nau espanhola naufragada, tomado por saudades da Europa, embarca (Diogo Álvares) numa nau francesa com Paraguaçu. Ocorre então a morte de Moema.*

XXXVI

É fama então que a multidão formosa  
Das damas, que Diogo pretendiam,  
Vendo avançar-lhe a nau na via undosa,  
E que a esperança de o alcançar perdiam,  
Entre as ondas com ânsia furiosa,  
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta água que flutua vaga  
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo assombrada;  
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,  
Pasma da turba feminil que nada,  
Uma, que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela do que irada:  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

“Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...  
Porém o tigre, por cruel que brame,  
Acha forças amor que enfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.  
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,  
Como não consumis aquele infame?  
Mas pagar tanto amor com tédio e asco...  
Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,  
Quando eu a fé rendia ao teu engano;  
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano;  
Porém, deixando o coração cativo,  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e desta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL

Tão dura ingratidão menos sentira  
E esse fado cruel doce me fora,  
Se a meu despeito triunfar não vira  
Essa indigna, essa infame, essa traidora!  
Por serva, por escrava, te seguira,  
Se não temera de chamar senhora  
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,  
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,  
Flutuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente com que aos meus respondas!  
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas!  
Dispara sobre mim teu cruel raio...”  
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

**XLII**

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pálida a cor, o aspecto moribundo;  
Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo.  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tomando a aparecer desde o profundo:  
“Ah Diogo cruel!” disse com mágoa,  
E, sem mais vista ser, sorveu-se n’água.  
(CONTINUA O CANTO VI)



BASÍLIO DA GAMA  
O URAGUAI

CANTO TERCEIRO (*fragmento final*)

*Cacambo está morto. Lindóia é levada a uma gruta pela velha Tanajura e tem aí a visão do futuro (dentro da água de um vaso) – Lisboa destruída pelo terremoto de 1755 e reconstruída pelo Marquês de Pombal. Ela antevê também a destruição da República Guaránitica. O fragmento que segue é o fim da cena da visão de Lindóia.*

Embebida na mágica pintura  
Goza as imagens vãs, e não se atreve  
Lindóia a perguntar. Vê destruída  
A República infame, e bem vingada  
A morte de Cacambo; e atenta, e imóvel  
Apascentava os olhos e o desejo,  
E nem tudo entendia; quando a velha  
Bateu coa mão, e fez tremer as águas.  
Desaparecem as fingidas torres,  
E os verdes campos; nem já deles resta  
Leve sinal. Debalde os olhos buscam  
As naus: já não são naus, nem mar, nem montes,  
Nem o lugar, onde estiveram. Torna  
Ao pranto a saudosíssima Lindóia,  
E de novo outra vez suspira, e geme.  
Até que a Noite compassiva, e atenta,  
Que as magoadas lástimas lhe ouvira,  
Ao partir sacudiu das fuscas asas,  
Envolto em frio orvalho, um leve sono,  
Suave esquecimento de seus males.  
(FIM DO CANTO TERCEIRO)

ALEXANDRE DE GUSMÃO

**A Júpiter Supremo Deus do Olimpo (Soneto)**

Númen que tens do mundo o regimento,  
Se amas o bem, se odeias a maldade,  
Como deixas com prêmio a iniquidade,  
E assoçobrado ao são merecimento?

Como hei de crer qu'um imortal tormento,  
Castigue a uma mortal leviandade?  
Que seja ciência, amor, ou picdade  
Expor-me ao mal sem meu consentimento?

Guerras cruéis, fanáticos tiranos,  
Raios, tremores, e as moléstias tristes,  
Enchem o curso de pesados anos;

Se és Deus, s'isto prevês, e assim persistes,  
Ou não fazes apreço dos humanos,  
Ou qual dizem não és; ou não existes.

**Ode**

Move incessante as asas incansáveis  
O tempo fugitivo,  
Atrás não volta, e aquele que aos amáveis  
Prazeres se não dá, sem lenitivos  
Depois amargamente  
Chora o bem, que perdeu, e o mal que sente.

Voa de flor em flora na Primavera  
A abelha cuidadosa;  
Fabrica o doce mel, a branda cera,  
Da suave estação os mimos goza,  
Antes que o seco Estio  
Abrase o verde campo e sorva o rio.

Dos fechados garnéis das loiras eiras  
As prôvidas formigas  
Vão levando em solícitas fileiras  
O loiro trigo, e formam com fadigas  
Subterrâneo celeiro,  
Antes que as prive o frígido Janeiro.

Em tudo nos descobre a Natureza,  
Ó Marília formosa,  
Que é preciso do tempo a ligeireza  
Fazê-la ao nosso gosto proveitosa;  
Para o prazer nascemos,  
Em prazeres o tempo aproveitemos.

À fera, inda a mais fera, entre os rochedos  
Da fragosa montanha,  
E às aves nos copados arvoredos  
A paixão não lhes é de amor estranha:  
Em doce companhia  
Passam o tempo sem perder um dia.

As ternas pombas, em que amor pintando  
Está perfeitamente,  
Ora beijando-se estão, ora catando-se  
Ora entregues ao seu desejo ardente  
Fazem... mas quem ignora?  
O que Amor fazer manda quem se adora.

Vê que nos ternos brincos destas aves  
Te deu, Marília bela,  
De amoroso prazer lições suaves  
A branda Humanidade: Amor é aquela  
Paixão que ela mais preza.  
Quem não ama desmente a Natureza.

Tu sabes, ó Marília, que eu te amo,  
    Que vives no meu peito,  
Que é teu nome o nome por quem chamo,  
Tu só por quem a Amor vivo sujeito;  
    Vem unir-te comigo,  
Faremos ao Amor um doce abrigo.

Vem, que ele aqui te espera, aqui o temos,  
    Aqui entre os meus braços:  
Olha que o tempo foge, e não podemos  
O seu curso deter; vem, move os passos,  
    E aqui, em prazer grato,  
Das pombinhas seremos o retrato.

FRANCISCO VILELA BARBOSA

**Ode IV**

Ai minha amada! que funesto anúncio!  
Palpita o coração, gela-se o sangue,  
Corre um dia após outro, vão fugindo  
Os rápidos instantes.

Na série destes dias, negro dia  
Eu descortino ao longe; em torno dele  
Girando vêm os pálidos desgostos,  
E as saudades tiranas.

Traz envolto o semblante em nuvens negras,  
E na mão meneando a dura espada,  
Que há de cortar o fio aos nossos gostos,  
Para nós se encaminha.

É este pois o dia, que no peito,  
Onde moraram os prazeres doces,  
Há de entornar da negra hipocondria  
O licor amargoso.

Ainda bem ao pé de nós não chega,  
Já nos vem acenando lá de longe  
C'o decreto fatal do Tempo duro,  
Que o meu desterro ordena.

Adiante guiando-o vêm dois dias,  
Que correm mais velozes, do que o vento,  
Que apenas toca com ligeiro sopro  
As folhas da campina.

Atrás porém seguindo vem seus passos  
Imenso bando de cansados dias,  
Inda mais vagarosos, que caminha  
O réu para o suplicio.

Mas que é isto, Marília? Tu suspiras?  
Ah! não queiras sentir tão cedo os males;  
Aproveitemos os finais instantes,  
Que o tempo nos concede.

Um minuto, que em gostos se aproveita,  
Tem mais valor, que um século de penas:  
E se estas inda um pouco a nós se escondem  
Para que é já o pranto!

Guardem-se os ternos choros para as horas,  
Que hão de roubar-me tua doce vista,  
Tornando em troca deste caro roubo  
Os tiranos pesares.

Os Amores então quebrando as setas,  
Carpirão junto a mim, de quando em quando  
Repetindo nas margens do Mondego  
As lembranças do Rio.

**FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS**

**A Bernardo José de Lorena  
Governador e Capitão-General de São Paulo**

Um povo é semelhante ao mar irado  
Indômito, inflexível, insolente:  
Mudável no conceito, e injustamente  
Crimina a mão que às leis o tem atado.

Se o mando obra justiça, é mui pesado;  
Se deixa o crime impune é indulgente;  
Se se vale da indústria, é imprudente:  
Não se pode de todos ter agrado.

Só vós, grande Senhor, com arte incrível,  
Os extremos unistes de um projeto,  
Que vai tocar o reino do impossível.

Pois no vosso governo, sábio e reto,  
Soubestes granjear, coisa indizível,  
De gênios desiguais, igual afeto.

**Ode Anacreônica 3  
O Ponche de Caju**

Do loiro caju,  
Anália, bebamos  
O ponche gostoso,  
Que aviva o prazer;  
Mais grato, que a ambrósia,  
Que Jove no Olimpo  
Se apraz de beber.

Oh! como é formoso  
O pomo suave  
Ao cheiro, ao padar!  
Se pomos tão belos  
Atlanta gozara,  
Os d'ouro deixando,  
Nem quisera vê-los.

Triunfe Alexandre  
No roxo Oriente,  
Que Baco domou:  
Deixa-lo vencer;  
Anália, eu só quero  
O poncho agridoce,  
Contigo beber.



JOAQUIM JOSÉ LISBOA

### **Onças do Brasil**

Quatro qualidades de onça  
Nós temos, e temos lobos,  
Propensos a fazer roubos,  
Pois são do gado os ladrões.

Entre estas diversas onças,  
Há nelas diversas cores,  
Porém todas são maiores,  
Do que o cruel lobo traidor.

É parda a sassurana,  
Porém mais destra em ciladas,  
Há duas que são pintadas,  
E o tigre de negra cor.

### **A Preguiça do Brasil**

Temos animal felpudo,  
De curtos, nervosos braços,  
Que enquanto dá só dois passos,  
Pode um homem dar três mil.

Maldito esse bicho seja,  
Que tão mau costume tem;  
Pois dele o nome nos vem  
Da preguiça do Brasil.

## Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Glaura, poemas eróticos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943.
- COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. t.I.
- DURÃO, Fr. José de Santa Rita. *Caramuru*. 4 ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. São Paulo: Martins, 1953.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias; Cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Obras*. São Paulo: Cultura, 1945.
- LAPA, M. Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- MARTINS, Heitor. *Org. Neoclassicismo: uma visão temática*. Brasília: Academia Brasileira de Letras, 1982.
- SILVA, Antônio Dinis da Cruz e. *Poesias*. Lisboa: Lacerdina, 1807. t.I.
- SILVA, Antônio Dinis da Cruz e. *OBRAS*. Lisboa: Colibri, 2001. v.2.
- TEIXEIRA, Ivan. Ed. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo: Edusp, 1996.

### DOAÇÃO

De: Colibri  
v.2  
Em: 19/02/2006  
R\$ 23,00

linguagem vernaculista. **Adj.** 2 g. e s. 2 g. Que ou quem e/ou fala vernaculamente.

**vernaculização.** S. f. Ato ou efeito de vernaculizar.

**vernaculizar.** V. t. d. Tomar vernáculo.

**vernáculo.** [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] **Adj.** 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernaculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); "E à noite o primeiro gródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernacula. 2. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atenta para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço.

• S. m. 4. O idioma próprio de um país. **vernal.** [Do lat. *vernale*.] **Adj.** 2 g. 1. Da, ou relativo à primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno, os cântaros dos montes; / Ao influxo vernal, fervem agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 59.) 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. [Sin. ger.: verno.] — V. ponto —

**vernalidade.** S. f. Qualidade de vernal.

**vernalização.** [De *vernalizar* + *-ção*.] S. f. Fisiol. Ver. Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado nos países frios, de uma semente, para que se encurte período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado primavera após a vernalização, chega a produzir mesmo tempo que o trigo semeado no outono. Sin. jarovização.]

**vernalizar.** [De *vernal* + *-izar*.] V. t. d. Realizar vernalização. [Sin. jarovizar.] **Adj.** 2 g. Que desabrocha antes da época normal. [Sin. jarovizar.]

Faculdade

U F M G

do berne.] S. m. pl. Veter. Inchação em